

Coisas da Guiné

Lembranças da Guiné, na guerra e já fora dela. Pesquisa, comentários e factos. A memória sempre presente. Não está por ordem. É conforme me vou lembrando, e vou também pescando algumas coisas minhas que já publiquei ou que outros publicaram em blogues existentes. Realidade ou ficção? Adivinhem.

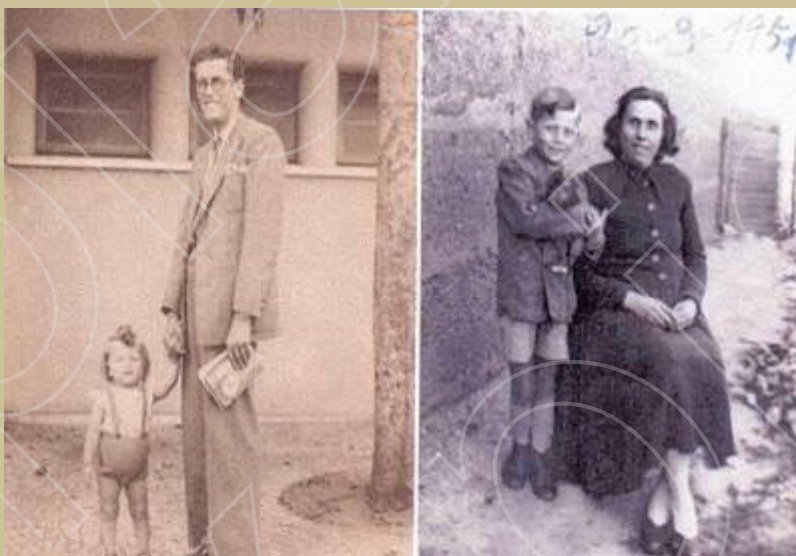
QUINTA-FEIRA, 30 DE SETEMBRO DE 2010

2-Há sempre um antes



Fui uma criança encantadora.

Na Maternidade Magalhães Coutinho disse-me a minha mãe que eu era o menino mais bonito (enlevos da minha querida mãe...)



E fui também um rapazito bem comportado



Tanto que... fui ter ao seminário



e até fui professor

Mas não deu, tive de deixar os padres.

Dei em estudante, deixei de ser bom rapaz, castigaram-me e mandaram-me para a tropa



... e, depois de passar por Mafra, Lamego, de rompante, e Amadora, espetaram comigo na Guiné.



Publicada por A. Marques Lopes em 17:18

QUINTA-FEIRA, 23 DE DEZEMBRO DE 2010

29-Como fui evacuado

(...) A 21Ago67, fui ferido por uma mina no caminho de Sare Banda para Banjara (a mina da minha vida). Estive uma semana no Hospital de Bissau (HM241) e daí saí para a Base Aérea para ser evacuado para a Metrópole. Foi num Dakota C47.

Fui só com as calças e uma camisa. Foram também outros feridos que entraram no avião. Os bancos que vêm na gravura foram ocupados por uma senhoras, não sei quem eram, nós os feridos, uns cinco ou seis, fomos esticados numas macas no corredor. Ainda disse que não estava assim tão mal e que podia ir numa cadeira. Mas que não, que devia ir numa maca. Lá fui, e quando o avião já estava alto comecei a deitar sangue pelos ouvidos (era o meu ferimento principal), por causa da descompressão. Ninguém ligou mas eu tratei de mim.

Ao fim de cinco ou seis horas, não sei bem, chegámos ao aeroporto militar de Las Palmas, disseram-nos. Que quem quisesse podia sair para descontrair. Saí e estava cheio de fome, não nos tinham dado nada para comer, nem as "queridas" rações de combate. Vi vários militares e olhei para uma porta que me pareceu a entrada de um bar. Fui até lá e entrei.

Olharam para mim, mas ninguém pareceu espantado, já deviam estar habituados a estas visitas. Pedi uma cerveja e uma sandes. Devorei-as, era a fome. No fim fiquei atrapalhado porque vi que não tinha dinheiro. Nem escudos, nem pesos, muito menos pesetas. Baixei a cabeça e fui-me afastando do balcão até à porta. Ninguém olhou para mim, pareceram-me distraídos. Zarpei para o Dakota e estiquei-me na minha maca. Passados tempos o avião arrancou até Lisboa. Ainda agora não sei se fui eu que fui esperto ou se foram eles que me deixaram ir sem me agarrarem para pagar.

Depois de quatro ou cinco, ou cinco ou seis horas, não sei, chegámos ao Figo Maduro. Estava lá os meus pais e a minha irmã, tinham-lhes dito que eu fora ferido e vinha. Choraram e ficaram contentes por me ver de pé. Foi pouco tempo, porque me meteram numa ambulância para ir para a Estrela, o HMP. (...)

TERÇA-FEIRA, 28 DE DEZEMBRO DE 2010

30-Uma noite, somente, no HMP

Encontrei lá o meu amigo Norberto. Fora meu colega no 2º pelotão do COM de Mafra. Magro, louro, olhos azuis grandes, era um aventureiro, uma máquina em todos os exercícios. Mas foi sempre um bom companheiro, diferente de outros que lá andavam a armar-se em bons e achavam, por isso, ser superiores. Eu sabia que ele, depois da especialidade de atirador, tinha sido mandado para os comandos, e nunca mais soubera dele. Foi um grande abraço. Perguntei-lhe:

- O que é que andas aqui a fazer?

- Ando em tratamento.

- A quê?

- Tenho hemofilia.

Fiquei banzado. Como era possível um tipo hemofílico ser enviado para os comandos!? Mesmo para a guerra. Mas para os comandos ainda por cima... Então não tinham visto isso antes?

- Parece que não te lembras como era aquilo em Mafra. Além da injeção cavalariça, que diziam dar para todos os males, não se preocupavam em saber mais nada. Menos, é claro, em ver aqueles que tinham cunhas para ir para os serviços auxiliares.

- É verdade, eu sei bem. Deves lembrar-te que desde o início sabíamos que o nosso curso estava destinado para uma fornada de atiradores. Até pensei que ia gozar com os gajos dos psicotécnicos quando me puseram um papel à frente e me disseram par escolher a especialidade. Pus lá que queria ser atirador mas eles é que se riram de mim. Mas diz lá, então, como é que descobriram isso.

- Eu estava na 3ª Companhia de Comandos na Guiné e...

A conversa derivou, é claro. Disse-lhe que tinha chegado de lá na véspera, ferido por uma mina. Contei-lhe coisas, por onde andara, como tinha sido ferido, operações em que participara, o normal destas conversas. Ele também me contou das dele e acabou por me dizer que, numa operação zeca, segundo ele, na zona do Cantanhês, tinha levado um tiro numa perna e que, sorte, o enfermeiro tinha visto que o sangue não estancava, pelo que pediram logo um heli para o levar para Bissau. Tinha sido evacuado para Lisboa há uma semana.

- Vais ficar aqui?, perguntou-me.

- Tem que ser, não é?

- Pelo teu aspecto, pelo teu tipo de ferimentos, até te mexes bem, parece-me que não tem que ser. Tens cá família?

- Tenho os meus pais, moram em Lisboa.

- Então faz como eu. Quando cá cheguei disse-lhes que tinha família na Amadora e eles deixaram-me ir para casa deles. Só venho cá aos tratamentos. E já me disseram que não vão durar muito, porque isto não tem cura, que qualquer dia vou a uma junta médica e que me mandam embora. E até te agradecem, porque precisam de camas para casos mais graves e para gajos que são da província.

Fiquei encantado com a ideia e ele foi comigo aos serviços administrativos. Ficou assente que **podia ir para casa dos meus pais e que devia estar no hospital todas as segundas, quartas e sextas, às nove horas, para tratamentos.**

Foi o Norberto que me levou, a mim e a mais nada, que era o que eu tinha, no seu Citroën 2 cavalos até à porta da casa dos meus pais, na Calçada da Patriarcal. Despediu-se e disse-me:

- Está aqui o meu telefone. Logo à noite, depois de jantar, dá-me um toque para combinarmos ir dar uma volta por aí.
- Claro, vamos lá. Estou com falta disso.



Publicada por A. Marques Lopes em 18:32

DOMINGO, 2 DE JANEIRO DE 2011

32-Os meus tratamentos

Passei todas as segundas, quartas e sextas de manhã no HMP. Foi tira penso e mete penso nas feridas que tinha dos estilhaços, mas o pior era o esgravatar doloroso em que se empenhavam nos meus dois ouvidos, despejando depois para dentro deles umas porcarias que eu não via, mas que pareciam torrentes de água, umas vezes quente outras fria, a penetrar-me por toda a cabeça e pelo pescoço. Saía sempre atordoado e, quando na rua, o ruído dos carros que passavam, e até os meus próprios passos, ribombavam-me na cabeça como trovões. As gazes que enfiavam como estopa nos meus buracos laterais diminuía os sons, mas incomodavam muito. Um dia, quando descia a Calçada da Estrela, decidi tirá-las. Fiz mal. O 28 da Carris veio por trás com o chiar arrepiante nos carris e as setas perfurantes do tilintar de campainha do guarda-freio, tive de me encostar a uma parede com as mãos nos ouvidos. Uns passantes ainda pararam a olhar, mas o 28 passou e eu pus as gazes, e fui também. Mas nunca mais as tirei.

Era viver fora do contexto. Só as lembranças e os ruídos da Guiné dominavam na minha mente, não penetravam agora nos meus ouvidos tapados, mantinham-se lá desde há muito, agora estavam sempre onde eu estava. Só os factos da minha vida presente é que me pareciam longínquos, com ténues sons que não davam para compreender o que me rodeava, nem quebravam o silêncio da **bolanha** em que eu estava ainda. Até as discussões lá em casa entre o meu pai e a minha mãe, ou entre a minha irmã e eles os dois, eram uma coisa que não me dizia nada. No hospital, solícitos, não duvido, que **o tratamento era para recompor os tímpanos** e tudo à volta, e para me proteger das agressões dos sons externos. Mas eu continuava a ouvir o matraquear da G3 que ceifara a **professora Abess** e a explosão da **mina** que matara o capitão e desfizera o Domingos Gomes. Aquele tratamento só não dava, senti necessidade de fazer planos para outro.

A Calçada da Patriarcal, a da casa dos meus pais, onde eu aboletava agora, era um sítio estratégico.

Descendo as Escadinhas da Mãe d'Água e a Rua da Alegria, havia logo ali à direita o Ritz Club, na Rua da Glória. Mais abaixo, numa esquina da Praça da Alegria, havia o Maxime, e, se quisesse, logo à esquerda, havia o Cantinho dos Artistas à entrada do Parque Mayer. Podia descer a Avenida até à Taverna Imperial, nos Restauradores, ou ir ao Comodoro, ao pé do D. Maria.

Se fosse por cima, pelo Príncipe Real, também tinha hipóteses. Depois de S. Pedro de Alcântara tinha o Lua Nova, na Travessa da Queimada, ao pé da Misericórdia. Podia também ir à Trindade, logo a seguir, mas não, esse não era sítio para este meu tratamento. O Bar D. Quixote, que ficava também por ali, perto do Largo do Carmo, esse é que sim, convinha-me, era agradável e tinha boa frequência. Idêntica à dos outros sítios, aliás.

Havia outros, mas estes eram os sítios que eu já conhecia, por eles tinha passado com os meus camaradas alferes e o capitão antes de embarcarmos na **Ana Mafalda**. As minhas vivências lá, os sons deles, os conhecimentos, o que gostei, tudo coabitava dentro de mim com as lembranças da Guiné. Era bom para o tratamento.

Mas um problema se levantava. Eram locais para altas horas da noite e madrugadas. Que fazer até lá? Também achei solução. Na Avenida havia logo à esquerda o cinema S. Jorge. Mais abaixo tinha o Condes, o Odeon e o Olímpia na Rua dos Condes, e o Politeama nas Portas de Santo Antão.

Estava gizado o plano de tratamento: cinemas à tarde e à noite, a seguir bares.

Cumpri-o durante meses. Segundas, quartas e sextas de manhã no hospital, tinha de ser. À tarde, sessão das 15H00 num cinema, sessão das 18H00 noutra e sessão das 21H00 noutra ainda. À noite e madrugada bares, uma vez num outra vez noutra. Foi assim quase todos os dias durante [nove] meses. O ordenado de alferes dava, nunca juntei dinheiro. Mas fez-me bem, gostei deste tratamento.

Publicada por A. Marques Lopes em 17:04

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE JANEIRO DE 2011

35-Percalços da clandestinidade

Já vínhamos no carro e disse-me ele:

- O que eu te queria dizer é que temos que nos encontrar amanhã com outra malta e era preciso uma casa para isso. Na da minha tia não dá porque há lá gente e estava a pensar na tua. Será que pode ser?

- E a que horas é?

- Às dez horas da manhã.

- A essa hora tenho estar no hospital. Só se forem vocês e depois falas comigo sobre o que decidiram. O meu pai e a minha irmã estão a trabalhar e a minha mãe vai a uma consulta ao hospital. Eu dou-te a chave de casa.

- Está bem. Falamos os dois depois.

Chegámos, entretanto, ao largo da Calçada da Patriarcal.



Este é o largo da Calçada da Patriarcal. Os meus pais moravam aqui (X), no nº 1, 2º Esqº. Já não moram porque já morreram. É verdade que também morou aqui, anos antes deles, o pido São José Lopes.

Parou o carro ao pé das árvores. E eu lembrei-me duma coisa.

- Mas espera aí, ó Norberto. Não sei se é o melhor ser em minha casa. É que, há uns dias, apareceu lá na caixa do correio uma carta para um tal Aníbal de São José Lopes. A minha mãe foi perguntar à vizinha se não seria para ela. E a vizinha disse-lhe que era um gajo da PIDE que tinha antes lá morado mas que, agora, estava em Angola.

Vi que ficou apreensivo, pensou um bocado.

- Mas há quanto tempo é que ele morou lá?

- Não sei, pá. Mas, como os meus pais já moram lá há mais de 20 anos, já foi há mais tempo.

- Então deixa estar. Dá cá a chave. Até tem piada.

Dei-lhe a minha chave.

- Mas, olha, já gora digo-te outra coisa: há quinze dias fui a uma junta médica e os gajos deram-me como inapto para a tropa. Isto da hemofilia não tem remédio.

- Porreiro! Então estás livre da guerra.

- Não é nada porreiro. Sabes muito bem que a orientação é não fugir à guerra. É lá com os outros que temos de estar, é lá que podemos influenciar, não é fugindo para França. Mas paciência, comigo já não há hipóteses. Para compensar pus-me a vendedor de materiais de construção civil, dá-me para andar por aí e desenvolver o trabalho clandestino.

- Mas deves concordar que é melhor do que estar na guerra.

- Claro. Mas lá também se pode trabalhar, e é muito importante.

Disse que estava bem e despedi-me. Fui de manhã ao hospital ao tratamento. Quando voltei a casa para almoçar vi que não tinha a chave, tinha-me esquecido, toquei à porta. Disse-me a minha mãe:

- Então e a chave?

- Devo-me ter esquecido dela num bolso qualquer.

- Olha, estiveram aqui uns amigos teus a perguntar por ti.

- Estiveram? Mas quando?

- Eram aí umas dez horas.

Merda, que bronca! Fiquei com tal cara que a minha mãe até se assustou.

- Mas houve algum problema?

- Não, não houve nada, mãe. Mas não tinha dito que hoje ia ao médico?

-Tinha, mas decidi não ir porque já vi que aquele homem não me resolve nada. Ando lá há uma data de tempo e não vejo solução, nada. É só gastar dinheiro. Tenho de arranjar outro médico.

Tinha osteoporose, andava bastante mal, coitada.
Quando acabava almoçar tocou o telefone e a minha mãe foi atender.

- É para ti.

Atendi. Era o Norberto.

- Era um dos meus amigos que estiveram aqui. Vou ter com eles ao Jardim da Estrela quando acabar de almoçar.
Fui e vi-o sentado na esplanada, estava sorumbático.



- Desculpa lá aquilo, mas não tive culpa nenhuma. A minha mãe à última da hora decidiu não ir ao médico.

- Pega lá a chave. Por acaso, por uma questão de segurança, toquei á porta primeiro. Imagina que tinha metido a chave na fechadura, a tua mãe chamava a polícia e íamos de cana por arrombamento.

- Oh, não chamava nada. Dizias que te tinha emprestado a chave para, não sei, inventavas qualquer merda.

- É pá, mas não, isto não pode ser assim.

- Mas o que é que queres, caralho? Já te disse que não tenho culpa. Foi azar.

Também já estava a ficar chateado.

- Mas, ouve lá, reuniram ou não?

- Claro que não. **Temos de marcar outro dia e outro sítio, mas um sítio seguro** agora.

Gozei:

- Um bom sítio é o **Comodoro**.

- Vai-te foder.

Bebemos umas imperiais e perguntei-lhe mais coisas sobre a junta médica. Tinham-lhe recomendado uns medicamentos, que tivesse cuidados, que já não servia para a tropa.

Despedimo-nos e desde esse dia nunca mais o vi.

Publicada por A. Marques Lopes em 17:16